

CULTURE

Natal/RN | Nº 41 | Ano 6 | 20 de fevereiro de 2026

A CULTURE É PARTE INTEGRANTE DO JORNAL AGORA RN. COM DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. TIRAGEM DESTA EDIÇÃO - 7.500 EXEMPLARES

CARNAVAL

1 MILHÃO DE FOLIÕES EM NATAL

Festa na capital potiguar reuniu mais de um milhão de pessoas nos polos oficiais, movimentou o turismo e a economia local e segue com a programação de desfiles das escolas de samba



Cultue

Pela primeira vez em muito tempo, tive a sensação de que o Carnaval de Natal mudou de lugar – não no mapa, mas no imaginário das pessoas. Durante anos, era quase automático ouvir amigos e conhecidos planejando a fuga para Olinda, Recife ou outros destinos tradicionais da folia. Desta vez, algo diferente aconteceu: muita gente decidiu ficar. Decidiu viver o Carnaval daqui.

Os números ajudam a explicar essa sensação. A programação nos polos oficiais reuniu mais de um milhão de pessoas, segundo a Secretaria de Cultura de Natal, com destaque para a Avenida da Alegria, na Redinha. A ocupação turística acima de 80% e a movimentação nos bairros mostraram que a festa ultrapassou o circuito dos shows e alcançou a economia da cidade. Mas, para além dos dados, o que chamou atenção foi o clima nas ruas, de entusiasmo.

O morador de Natal comprou a ideia do próprio Carnaval. Durante muito tempo, a narrativa dominante era a de que a grande festa acontecia em outro lugar. Este ano, no entanto, a cidade pareceu olhar para si mesma com mais confiança. A presença do público nos polos indica que a festa local começa a ganhar identidade mais forte.

Isso não significa ignorar os desafios. Consolidar um carnaval exige continuidade, organização e escuta. Segurança, mobilidade, diversidade de programação e valorização da cultura local são fatores que precisam seguir no centro do planejamento. O sucesso de uma edição não se sustenta apenas com grandes shows, mas com a construção de uma festa que faça sentido para quem vive a cidade.

Ainda assim, o que se viu neste ano foi um sinal importante de virada. Talvez seja cedo para afirmar que Natal entrou definitivamente no mapa dos grandes carnavais do país. Mas algo mudou, isso que importa.



Nathallya Macedo
Editora

EXPEDIENTE

Direção
Alex Viana

Diagramação
Paulo Maia

Edição
Nathallya Macedo

Foto da capa
Secom/Prefeitura do Natal



A Revista Cultue é um produto do Grupo Agora RN, que detém os direitos de produção e propriedade

SUMÁRIO



04 COMPRAR UM KINDLE FOI MELHOR DECISÃO DO INÍCIO DO ANO



08 CANTORA DO RN FICA DE FORA DE FESTIVAL NOS EUA



14 CONHEÇA A DISCOL, LOJA QUE ABRIGA DISCOS DE VINIL NO CENTRO

Pra ver & ouvir

MARTY SUPREME

É um filme dirigido por Josh Safdie e estrelado por Timothée Chalamet, inspirado na trajetória do jogador de tênis de mesa Marty Reisman. A produção acompanha a vida do personagem desde sua juventude em Nova York, mostrando como ele se envolve com o esporte, constrói uma reputação e se torna uma figura conhecida no circuito competitivo. O longa mistura elementos de drama e humor para retratar a personalidade intensa e ambiciosa de Marty, além de situar a história em diferentes momentos da vida do protagonista.

O filme também explora o ambiente das competições, as relações pessoais de Marty e o contexto social em que ele vive, com uma estética marcada pelo estilo característico de Safdie. A atuação de Chalamet é o eixo da narrativa, conduzindo o público pela trajetória do personagem e pelas transformações ao longo dos anos, enquanto o roteiro apresenta episódios que ajudam a construir o retrato desse personagem real que influenciou o tênis de mesa nos Estados Unidos.



Filme em cartaz nos cinemas do Brasil

JETSKI - PEDRO SAMPAIO



“Jetski”, parceria de Pedro Sampaio, Melody e MC Meno K, foi o grande hit do Carnaval. Em meio a tantos palpites sobre qual música dominaria a folia, foi ela que realmente fez os circuitos ferverem e conquistou o público. Só nas últimas 24 horas, a faixa somou mais de 1,4 milhão de plays no Spotify Brasil, alcançando o topo da parada, além de ultrapassar 64 milhões de visualizações no YouTube e entrar no Top 50 global da plataforma.

Com batida envolvente, refrão fácil e uma dose de ousadia na letra, “Jetski” reúne os elementos clássicos de um sucesso carnavalesco: energia, repetição e um toque de provocação. Pedro Sampaio, que já costuma emplacar hits na temporada, mostrou mais uma vez que sabe como ninguém criar trilhas para a festa – e desta vez chegou ao topo em tempo recorde.

Música disponível em todas as plataformas digitais



KINDLE:

DECISÃO QUE VIROU HÁBITO

Por Nathallya Macedo

Fevereiro ainda caminha para o fim, mas o ritmo de leitura já ganhou velocidade. Em pouco mais de duas horas, um livro inteiro ficou para trás – e, com ele, a certeza de que investir em um Kindle foi uma das decisões mais acertadas deste começo de ano. A escolha não veio de um impulso tecnológico, mas de uma necessidade prática: entrei em um clube do livro com minhas colegas de trabalho e logo percebi que acompanhar as leituras apenas com livros físicos pesaria no orçamento.

A conta é simples. Um Kindle custa hoje cerca de R\$ 600 no site da Amazon. À primeira vista, parece caro. Mas basta comparar os valores dos títulos para entender a lógica do investimento. Em média, os e-books custam quase metade do preço das versões impressas. Em um clube do livro, onde a proposta é ler uma obra por mês – ou até mais –, a economia se torna evidente em pouco tempo. O valor gasto em três ou quatro livros físicos pode equivaler ao preço do aparelho.

Além do aspecto financeiro, existe a praticidade. O Kindle cabe facilmente na bolsa e elimina aquela escolha difícil de qual livro levar para o dia. Com ele, é possível carregar dezenas – ou centenas – de títulos ao mesmo tempo. A leitura deixa de ser um compromisso planejado e passa a ocupar os pequenos intervalos da rotina: no transporte, na sala de espera, antes de dormir ou em um café rápido.

Essa mudança impacta diretamente o hábito de ler. O acesso imediato aos livros, somado à leveza do dispositivo, faz com que a leitura se encaixe com mais naturalidade na vida cotidiana. Não é exagero dizer que o Kindle ajuda a transformar minutos soltos em capítulos lidos.

O conforto visual é outro ponto determinante. Diferente de celulares e tablets, o Kindle utiliza tecnologia e-ink, ou tinta eletrônica. Em vez de emitir luz diretamente para os olhos, a tela reflete a iluminação do ambiente, simulando o comportamento do papel. O resultado é uma leitura mais suave, sem brilho excessivo e sem o cansaço típico das telas convencionais.

A tela fosca proporciona uma experiência próxima à do livro impresso. Isso permite ler sob luz solar direta, na praia, na piscina ou em ambientes muito iluminados, sem ofuscar a visão. Os modelos mais recentes – como o Kindle de 16 GB, o Paperwhite e o Oasis – trazem ainda luz frontal ajustável, que ilumina a tela de cima para baixo, e não o rosto do leitor. Assim, é possível ler no escuro sem agredir os olhos.

Outro recurso que faz diferença é a personalização da leitura. Dá para aumentar ou diminuir o tamanho da letra, ajustar espaçamento entre linhas e escolher fontes mais con-

fortáveis. Para quem passa horas lendo, ou já sente os efeitos do tempo na vista, esses detalhes mudam completamente a experiência.

Ainda assim, nenhuma tecnologia substitui totalmente o vínculo afetivo com o livro físico. Há leitores que precisam do peso do volume nas mãos, do cheiro das páginas, da lombada ocupando espaço na estante. O papel carrega uma memória sensorial difícil de replicar digitalmente. Para muitos, folhear um livro é parte essencial do prazer da leitura.

Por outro lado, há quem encontre no digital liberdade: menos acúmulo em casa, mais acesso instantâneo a novos títulos. São perfis diferentes, necessidades diferentes – e tudo bem. O importante é entender que um formato não anula o outro. Eles coexistem.

No meu caso, o Kindle não substituiu completamente os livros físicos. Eles continuam presentes, especialmente aqueles que quero guardar, reler ou exibir na estante. Mas o leitor digital virou ferramenta diária, companheiro constante e facilitador de um hábito que, muitas vezes, fica em segundo plano diante da correria.

Mais do que uma ferramenta, o Kindle acabou funcionando como um incentivo silencioso à leitura. Ao reduzir barreiras – de preço, de espaço e de acesso –, ele aproxima as pessoas dos livros. E isso, por si só, já justifica o investimento.

Seja em papel ou em tela, o essencial permanece o mesmo: ler. Em um mundo acelerado, encontrar tempo para mergulhar em histórias, ideias e reflexões é um ato de resistência. O formato é detalhe. O que importa é manter viva a relação com a literatura – página por página ou pixel por pixel.

A Cabeça do Santo: o livro que inaugurou meu Kindle

Foi A Cabeça do Santo, romance da escritora cearense Socorro Acioli publicado em 2014, o primeiro livro que li inteiramente no Kindle recém-comprado. A experiência não poderia ter sido mais simbólica: em cerca de duas horas, mergulhei em uma história nordestina, atravessada por fé,



humor, afeto e realismo fantástico – um batismo literário à altura de um novo hábito de leitura.

A narrativa acompanha Samuel, um jovem que, pouco antes de perder a mãe, recebe dela um último pedido: procurar o pai e a avó que nunca conheceu. Contrariado, ele parte a pé de Juazeiro do Norte até a pequena e quase abandonada cidade fictícia de Candeia, enfrentando o sol impiedoso do sertão cearense. Ao chegar, encontra abrigo em um lugar improvável: a cabeça oca e gigante de uma estátua inacabada de Santo Antônio, separada do corpo e esquecida no meio da cidade.

É dentro dessa cabeça que o insólito acontece. Samuel passa a ouvir vozes femininas – preces dirigidas ao santo, todas relacionadas ao amor. Assustado, logo percebe que ganhou um dom peculiar: escutar pedidos de casamento, reconciliações e paixões desesperadas. Seu primeiro aliado em Candeia é Francisco, um jovem que rapidamente enxerga potencial naquele fenômeno e passa a ajudá-lo a “organizar” as súplicas, promovendo encontros, casamentos e pequenas artimanhas sentimentais.

A cidade, antes parada no tempo, começa a se transformar. Fiéis chegam de todos os cantos, atraídos pela fama do rapaz que conversa com Santo Antônio. Em meio à movimentação, Samuel também se apaixona – não por um rosto, mas por uma voz misteriosa que se destaca entre tantas outras.

Consagrada por seus livros

infantojuvenis, Socorro Acioli estreou na literatura adulta justamente com esse romance, desenvolvido a partir da oficina Como Contar um Conto, ministrada por Gabriel García Márquez, em Cuba. Não à toa, críticos já apontaram ecos do realismo fantástico latino-americano na obra. O escritor angolano José Eduardo Agualusa definiu o livro como “um divertido exercício de imaginação”, elogiando a elegância com que a autora conduz a narrativa.

A leitura é fácil, fluida e divertida – com uma oralidade que carrega marcas evidentes do Nordeste. Para quem nasceu ou cresceu na região, há um reconhecimento imediato: a fé que resiste apesar das dificuldades, o humor que atravessa a escassez, a esperança que insiste mesmo quando tudo parece seco. O livro sugere, com delicadeza, que milagres também acontecem para quem não acredita – e talvez principalmente para quem já desacreditou.

Essa atmosfera não é gratuita. A gênese da história remonta a 2006, quando Socorro Acioli leu uma notícia sobre uma enorme cabeça de santo abandonada e escreveu uma sinopse para concorrer a uma oficina de roteiro em Cuba. Durante quatro anos, a trama existiu apenas como argumento cinematográfico. Só depois virou livro. Essa origem audiovisual explica a estrutura visual do romance – e também o caminho natural que agora o leva de volta às telas.

A Cabeça do Santo está em fase de adaptação para o cinema nacional, em produção pela Coração da Selva. Recentemente, uma leitura de roteiro reuniu a diretora e roteirista Joana Mariani (Todas as Canções de Amor, How to Be a Carioca, Marias: A Fé no Feminino) e o ator Jesuíta Barbosa, além das cantoras Melina Anthís e Agnes Nunes. O elenco ainda não foi oficialmente anunciado.

Segundo a autora, a obra sempre teve vocação cinematográfica. Ela afirma que o filme deve preservar a essência do livro, especialmente o tratamento do absurdo como parte do cotidiano. Muitos leitores perguntam se a cabeça de santo retratada na história existe de verdade – e se surpreendem ao saber que sim. Para Acioli, esse tipo de imagem nasce de contextos sociais específicos: cidades pequenas, marcadas pela pobreza e pela fé como instrumento de sobrevivência.

A escritora também relaciona sua obra a uma “irmandade estética” entre narrativas do Nordeste brasileiro, da América Latina e até de vilas africanas, onde o real e o mítico convivem sem conflito. “Para quem vem de um lugar assim, estamos apenas contando o que acontece nas nossas vidas”, resume.

No debate sobre regionalismo, Acioli questiona a lógica que ainda classifica produções nordestinas como “regionais”, enquanto histórias do Sudeste ganham o selo de “nacionais”. Para ela, trata-se de uma divisão ultrapassada. Apesar disso, vê mudanças em curso, impulsionadas pela presença cada vez mais forte de artistas nordestinos no cinema e na literatura. “O Nordeste está entregando muita coisa boa para o Brasil artisticamente, e essa caricatura vai, aos poucos, se desfazendo.”

Sem previsão de estreia, o longa deve ampliar o alcance de uma história que já conquistou leitores dentro e fora do país.

Para mim, A Cabeça do Santo marcou não apenas o início de uma nova fase de leitura digital, mas também o reencontro com uma literatura que fala da minha própria geografia emocional. Um livro que mistura fé, afeto e fantasia – e que provou, logo nas primeiras horas de uso do Kindle, que boas histórias continuam sendo o verdadeiro milagre.



Belita Lira

★★★★

Ler *Água Viva* foi uma experiência diferente de qualquer outra. Em vez de tentar entender cada frase, eu simplesmente me deixei levar. E percebi que a graça do livro está justamente nisso. A frase tão repetida sobre Clarice Lispector – “não é sobre entender, é sobre sentir” – faz todo sentido aqui. A leitura não pede explicações lógicas, mas abertura para sentir o que existe nas palavras. Clarice parece atravessar emoções profundas e estados de alma tão intensos que me peguei pensando: como alguém consegue sentir tanto assim?

Em *Água Viva*, Clarice se entrega por completo. O texto parece um grande devaneio, mas ao mesmo tempo existe uma lucidez escondida ali. Pode parecer contraditório, mas com Clarice as contradições fazem parte da beleza. Ela brinca com as palavras, cria novos sentidos, desmonta a lógica comum e constrói outra forma de pensar e escrever. A metalinguagem também aparece de maneira forte – ela fala da própria escrita enquanto escreve – e isso torna tudo ainda mais fascinante.

Ao mesmo tempo, não é uma leitura fácil. A ausência de enredo tradicional, a fragmentação e o fluxo de consciência podem causar estranhamento e até cansaço em quem espera uma narrativa linear. A voz da pintora solitária que conduz o livro é intensa, cheia de reflexões sobre existência, identidade e linguagem, mas exige entrega total do leitor. Não há respostas claras nem explicações fechadas. É uma obra que desafia, que desconforta, e que justamente por isso se torna tão potente e única dentro da literatura brasileira.

Foi uma viagem profunda e diferente. daquelas que não se esgotam em uma única leitura. *Água Viva* é um livro que pode ser revisitado muitas vezes, e a cada nova leitura surgem novas paisagens, sensações e descobertas pelo mesmo caminho.



Isabelly Noemi

★★

Eu costumo gostar muito dos livros e contos da Clarice Lispector. Acho a escrita dela intensa, sensível e cheia de reflexões interessantes. Por isso, comecei *Água Viva* com expectativa, mas a leitura acabou não funcionando para mim.

O livro não tem uma história tradicional, nem personagens ou enredo bem definidos. A narrativa é mais parecida com um fluxo de pensamentos, em que a narradora reflete sobre o tempo, a linguagem, o existir e as sensações. A proposta é diferente, mas, em vários momentos, senti que o texto se tornava confuso e difícil de acompanhar.

Algumas reflexões são bonitas e profundas, mas muitas partes parecem repetir ideias parecidas, o que deixou a leitura cansativa. A falta de acontecimentos concretos também dificulta o envolvimento, já que não há uma progressão clara ou algo que prenda a atenção ao longo do livro.

Outro ponto é que o texto é muito abstrato. Em comparação com outros livros da Clarice, em que mesmo a in-

A página Clube do Livro reúne, a cada mês, avaliações das repórteres da Cultue sobre a obra escolhida para leitura coletiva.



trospção vem acompanhada de situações e personagens marcantes, *Água Viva* parece mais fechado em si mesmo, o que pode afastar o leitor.

Reconheço que é uma obra importante e experimental, e que muita gente pode gostar justamente dessa proposta mais livre e filosófica. Mas, como leitura, não foi uma experiência prazerosa para mim, mesmo eu gostando da autora. Por isso, dei 2 estrelas. *Água Viva* tem momentos interessantes, mas achei a leitura difícil – em comparação com outras obras da Clarice Lispector.



Karen Sousa

★★★

Água Viva é bonito, mas complexo. Não sei se entendi tão bem assim o livro, mas também acho que ele não é muito sobre entender, é mais sobre sentir. É até difícil descrever, pois não é o tipo de livro que estou acostumada e também não é o que me agrada muito, mas a obra se mostrou impressionante dentro da sua própria capacidade.

O livro é bem abstrato e, assim como o título sugere, se parece com um mergulho profundo em palavras, frases e ideias soltas, que ficam flutuando dentro de um oceano

que vamos descobrindo à medida que lemos – mas que, da mesma forma, não conseguimos desvendar por completo.

Clarice falou sobre vida, morte, amor, alegrias, tristezas, emoções, sentimentos, dúvidas, flores e tudo o que encontramos no caminho de nossas vidas num fluxo de consciência que é difícil de acompanhar. Enquanto você lê e digere as palavras escritas em uma linha, na próxima, a autora já expõe outra ideia. Esse ritmo me pareceu tão inesperado e oscilante que fiquei em dúvida se era inconsciente ou proposital por parte dela, até porque essa foi a primeira vez que li uma obra de Clarice, então não tenho familiaridade.

Apesar de extraordinário, bonito e, para mim, de certa forma nostálgico, confesso que não gostei tanto do livro. Quando terminei a leitura, disse que ele era repetitivo e até egoísta. Depois de digerir o texto, vi que, em *Água Viva*, a linguagem de Clarice é quase como mágica ou mística, o que não me encanta mas me faz ter curiosidade por quais artificios, figuras e ideias ela utiliza em outras obras.

Mas Clarice é genial e está certa quando diz que a palavra é sua “quarta dimensão”, ou que a troca de aspirações “é uma das coisas mais belas que já ouvi dizerem da vida”, ou que “lembrar-se com saudade é como se despedir de novo”.



Luzia Cavalcanti

★

Quando minhas amigas surgiram com a ideia de criar um clube do livro, a empolgação foi imediata. Nunca tinha participado de nenhum, mas sempre fui fascinada pela imagem quase cinematográfica de um grupo de mulheres reunidas em uma cafeteria, comentando a leitura do mês com entusiasmo enquanto se deliciam com uma fatia de bolo e um café superfaturado.

Tudo muito perfeito no mundo das ideias. Mas a vida adulta é casualmente cruel – e faz questão de provar que, no caos do dia a dia, mal temos tempo de cumprir as tarefas básicas. Foi nesse contexto que nasceu meu primeiro “fracasso” literário: a tentativa de ler *Água Viva*, de Clarice Lispector.

Como boa millennial, sempre relutei em ler Clarice por puro preconceito. Depois de uma enxurrada de frases fora de contexto transformadas em legendas de fotos no Facebook e no Instagram, acabei associando a autora a uma estética de autoajuda existencial que me afastava mais do que atraía.

No ano passado, porém, resolvi enfrentar esse ranço com uma motivação pouco nobre: “deixa eu criticar isso aqui com propriedade”. Escolhi A Hora da Estrela e fui completamente arrebatada. A escrita visceral me lançou sem anestesia na vida da retirante Macabéa – uma personagem de existência tão miserável que “não sabia que era infeliz, por isso era feliz”.

Ali eu entendi que o problema nunca foi Clarice. Era a caricatura que fizeram dela.

Por isso, fui ler *Água Viva* disposta a me apaixonar por mais um personagem criado por ela. Mas me deparei com algo completamente diferente: uma obra densa, sem enredo tradicional, sem personagens delineados, sem a estrutura confortável de começo, meio e fim. Não há uma história

para acompanhar – há uma voz.

Em *Água Viva*, Clarice propõe ao leitor que pare. Que respire. Que desacelere. Que se conecte com emoções muitas vezes dolorosas de acessar. A obra mergulha em reflexões sobre abandono, insegurança e perdas, mas não de forma narrativa – e sim sensorial. É quase uma tentativa de capturar o instante antes que ele se dissolva.

A obra não tem nada de errado. O erro foi tentar ler Clarice nas horas que sobram entre um compromisso adulto e outro, espremida em um ônibus lotado na volta para casa, no horário de pico. *Água Viva* não se oferece ao leitor apressado. Ela exige entrega. Clarice merece mais do que uma leitura casual e fragmentada. Sua escrita exige dedicação, atenção e, principalmente, conexão. Exige silêncio interno. Exige tempo – esse artigo de luxo da vida adulta.

Daí o meu fracasso.

Mas fica em mim um desejo pulsante de retornar a essa leitura com a reverência que ela pede. Porque, no fundo, sei que não abandonei *Água Viva*. Apenas ainda não estava pronta para ela.



Nathallya Macedo

★★★★

Ler *Água Viva*, de Clarice Lispector, foi como entrar em um fluxo de consciência que pulsa página após página. Foi exatamente essa sensação que tive no meu primeiro contato com a autora. Eu já conhecia o peso do nome de Clarice na

literatura brasileira, mas só agora mergulhei de fato em sua escrita – e a experiência foi intensa.

O que mais me chamou atenção foi esse despejo de palavras que parece ignorar as pausas convencionais. Em muitos momentos, a leitura me deixou até sem ar, como se eu precisasse acompanhar a velocidade dos pensamentos que atravessam o livro. Não há exatamente uma trama tradicional; o que existe é um movimento contínuo de reflexão.

Talvez por isso eu tenha me reconhecido tanto no texto. Também sou alguém que pensa muito, em várias coisas ao mesmo tempo. Às vezes, esse turbilhão interno se estende pela madrugada e dificulta o sono. A ansiedade já me atravessou em muitos momentos, e ler aquelas páginas deu a impressão de que alguém tinha traduzido em palavras algo que normalmente fica só dentro da cabeça.

Há algo de muito íntimo nessa forma de escrita, confessional, mas ao mesmo tempo universal. Em vários trechos, tive a sensação de que aquela voz poderia ser a de muitas mulheres tentando entender a própria existência. A escrita de Clarice parece abraçar essa complexidade sem tentar organizá-la demais.

Depois de me acostumar com esse ritmo particular, percebi que a leitura deixou uma espécie de eco. Fiquei com vontade de continuar nesse universo literário, como se agora eu tivesse aprendido a ouvir melhor o que a autora propõe.

Por isso, o próximo passo já está decidido: A Hora da Estrela. Depois de experimentar esse primeiro encontro com Clarice, a curiosidade aumentou – não apenas para conhecer outra história, mas para continuar explorando essa escrita.

“ERA OPORTUNIDADE DE OURO”, LAMENTA LEOA APÓS VISTO NEGADO

Por Nathallya Macedo

A cantora potiguar LEOA, nome artístico de Luísa Nascim, teve o visto norte-americano no último dia 9, no Consulado dos Estados Unidos em Recife, mesmo após receber convite oficial para se apresentar no SXSW Music Festival 2026, em Austin, no Texas. Selecionada entre milhares de inscrições do mundo inteiro, a artista integraria a programação oficial de um dos maiores eventos globais de música, inovação e negócios criativos, marcado para acontecer entre 12 e 18 de março.

A negativa foi comunicada pela própria artista nas redes sociais. “Eu e Gabriel Souto tivemos nossos vistos negados no consulado de Recife. Mesmo com carta convite e toda documentação necessária em mãos”, escreveu a artista nas redes sociais.

Para LEOA, a frustração vai além da perda de um show. O SXSW representa uma vitrine estratégica para artistas independentes, conectando músicos a curadores, produtores e festivais de diversas partes do mundo.

“Para quem não entende tão bem assim, o quanto South by Southwest, o SXSW, é importante para quem trabalha com música, primeiro que é muito difícil ser selecionada, rolam milhares de inscrições do mundo inteiro, todo ano. E essa foi a primeira vez que eu fui selecionada para ir para lá”, explicou.

A cantora já havia participado de uma live do festival durante a pandemia, mas esta seria sua estreia presencial. Segundo ela, o evento funciona como uma grande feira de negócios, muito além da lógica tradicional de um festival. “Não é só um festival, é uma feira de negócios. Pessoas do mundo inteiro, curadores de festivais, de todas as regiões do mundo, estão lá para ver essas promessas, essas bandas e esses artistas que foram selecionados a dedo ali, pelo SXSW. Então, realmente, é uma grande vitrine”.

LEOA afirma que enxergava na participação uma possibilidade concreta de internacionalização da carreira. “Eu estava muito, muito, muito feliz, porque eu sei que iria abrir muitas portas para eu tocar em outros lugares do mundo, até na Ásia. Conheço histórias de artistas que, depois de tocar no SXSW, conseguiram fechar turnês mundiais”.

Por isso, a negativa do visto foi recebida como um duro golpe. “Realmente, é uma pena muito grande que eu tenha tido esse visto negado. Porque era uma oportunidade de ouro”.

Documentação em dia e visto correto

De acordo com a artista, toda a documentação exigida foi apresentada, incluindo carta-convite emitida pela organização do SXSW. O visto solicitado era o indicado para turismo e participação em conferências e feiras, já que a apresentação não seria remunerada.

“Essa é uma situação complexa, porque a gente estava



LEOA teve visto negado e fica fora de festival nos EUA

tentando um visto, que é um visto justamente para turismo e para pessoas que vão participar de feiras, conferências, etc. Não era um visto de trabalho, porque esse show não era um show remunerado. Inclusive isso consta na carta-convite, eles explicam certinho que o visto que a gente estava tentando era o correto”.

Ainda assim, segundo LEOA, houve insistência por parte da equipe consular em questionar uma possível remuneração. “A moça ficou toda hora perguntando se ia ser um evento pago, se a gente ia receber alguma coisa, eles estavam muito preocupados com isso, se a gente ia fazer algum dinheiro lá”.

A artista também relatou dificuldades no atendimento. “Não sei exatamente por que o visto foi negado, realmente precisava de uma pessoa que tivesse o mínimo de boa vontade, e a gente sabe que é difícil isso acontecer nesses consulados”.

“A pessoa que atendeu Gabriel, primeiro que eu, ela já não foi muito bacana e ela já é uma figura famosa por ser uma pessoa, assim, complicada, por não ter aquela boa vontade para compreender a complexidade de cada situação”. Para LEOA, o processo se assemelha a uma loteria. “Não dá para saber direito, é uma grande roleta russa, depende muito de quem você pegar lá para te entrevistar”.

Clima hostil a artistas latinos

A negativa ocorre em um momento de tensão para artistas e imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos. LEOA contextualiza o episódio dentro de um cenário político mais amplo. “Esse momento está muito complicado para artistas latinos imigrantes nos Estados Unidos. O que já era chato, difícil, burocrático, ficou ainda mais complicado, existe uma política, assim, de perseguição, sim”.

Ela acredita que o grupo acabou sendo diretamente afetado por esse ambiente. “E dentre os artistas que estavam lá, nós fomos também escolhidos para ter esse boicote”.

Mesmo diante do revés, a cantora reforça que não pretende recuar. “Óbvio que eu não vou desistir, vou seguir na luta. Com certeza, isso não vai ser o primeiro nem o último não, ou porta fechada que eu vou ter na minha carreira. Mas, com certeza, era uma oportunidade muito importante para mim”.

A artista também destaca que levar a cultura potiguar para fora do país sempre fez parte de sua trajetória. “Sobre levar arte potiguar para o mundo, isso já faz parte da minha trajetória, independente de onde eu esteja, eu estou sempre levando, sempre reforçando as minhas raízes, o lugar de onde eu vim. Isso já faz parte do meu trabalho, independente de qualquer coisa”.

Bad Bunny, política e representatividade

A negativa do visto aconteceu um dia após a apresentação histórica de Bad Bunny no intervalo do Super Bowl, marcada por forte discurso político e celebração da cultura latina. LEOA acompanhou o espetáculo e se disse profundamente tocada. “Sobre a apresentação do Bad Bunny, achei maravilhosa, fiquei super emocionada. Ele foi incrível”.

Ela lembra que o artista porto-riquenho já vinha construindo uma obra politizada. “Ele já vem fazendo uma arte política há um tempo, mas com esse álbum, acredito que até os brasileiros também acabaram entendendo melhor o trampo do Bad Bunny”.

Consumidora assídua de música latina e caribenha, LEOA afirma acompanhar sua trajetória há anos. Para ela, o show foi histórico. “Achei que ele fez algo muito difícil, fez uma apresentação junto com toda aquela equipe enorme, memorável, histórica. Me senti contemplada com o discurso e com a arte dele”.

A apresentação gerou reações negativas de setores conservadores e do presidente Donald Trump, que classificou o espetáculo como “terrível” e afirmou se tratar da “pior apresentação de todos os tempos”. Para muitos espectadores, porém, o momento simbolizou a afirmação identitária latina em solo americano.

“Estamos muito preocupados”

LEOA conecta sua experiência pessoal a um panorama mais amplo de tensões geopolíticas e migratórias. “Esse clima de tensão, de revolta, de perseguição que os imigrantes, não só da Latina América, mas da África e de outras partes do mundo têm sofrido com os Estados Unidos. Tem sido uma situação muito complicada, muito preocupante”.

“Agora com essa situação [visto negado], me senti completamente afetada. Sou uma artista progressista do Nordeste do Brasil, uma pessoa que tenta ter uma postura decolonial dentro dos meus limites e completamente anti-imperialista”.

Segundo LEOA, a apreensão é coletiva. “A classe artística brasileira está muito preocupada com tudo isso que está acontecendo”. A artista tenta transformar frustração em combustível criativo. Depois de um 2025 difícil, ela via no SXSW um recomeço.

Agora, resta seguir em frente com disposição de continuar abrindo caminhos, mesmo quando as fronteiras insistem em se fechar.

Super Bowl

No domingo, 8 de fevereiro, Bad Bunny protagonizou um intervalo histórico no Super Bowl ao realizar uma apresentação quase inteiramente em espanhol, com mensagem direta ao público americano: “We’re still here” (“Ainda estamos aqui”).

O artista porto-riquenho transformou o palco em um re-

trato da vida caribenha, com cenários que incluíam canaviais, uma casa típica de Porto Rico e cenas cotidianas como partidas de dominó, salão de beleza e treino de boxe. O repertório passou por reggaeton, trap latino e salsa, com músicas como Tití Me Preguntó, Yo Perreo Sola, Monaco e Nuevayol.

Celebridades como Jessica Alba, Pedro Pascal, Cardi B, Karol G e Young Miko participaram do espetáculo. Lady Gaga apresentou uma versão salsa de “Die With a Smile”, enquanto Ricky Martin interpretou “Lo Que le Pasó a Hawaii”, música que critica os impactos da possível anexação de Porto Rico aos EUA.

Bad Bunny encerrou o show chutando uma bola de futebol americano com a frase “Together, We Are America”, enquanto bandeiras de países latino-americanos eram erguidas pela plateia. A apresentação foi amplamente celebrada por fãs e líderes latinos, mas também gerou reação negativa de setores conservadores, incluindo o ex-presidente Donald Trump, que classificou o espetáculo como “um tapa na cara do país”.

Dias antes, Bad Bunny havia se tornado o primeiro artista a vencer o Grammy de álbum do ano com um disco totalmente em espanhol, Debí Tirar Más Fotos. Durante o Super Bowl, ele ainda entregou simbolicamente uma estatueta do prêmio a um garoto porto-riquenho.

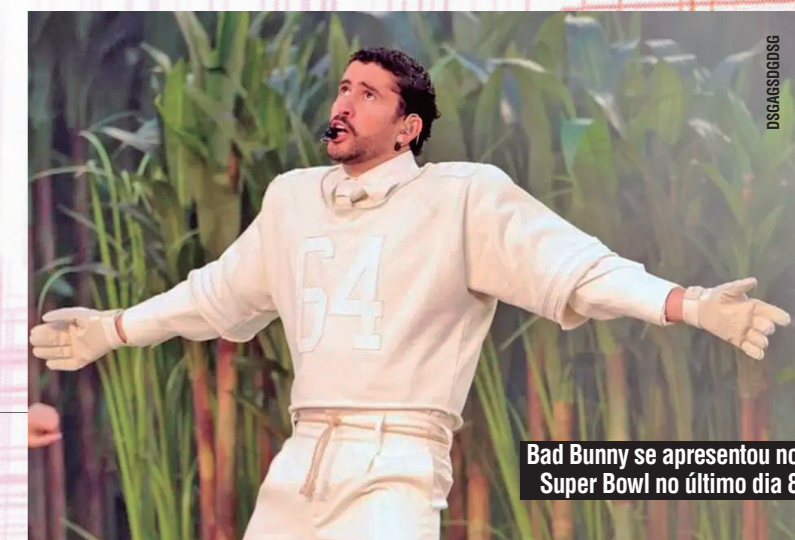
Após o show no Super Bowl, Bad Bunny está dominando o Spotify global. O porto-riquenho quebrou recordes e emplacou várias músicas no topo, inclusive no Brasil. Tem 7 músicas no topo do Spotify global; é o 5º artista mais ouvido no Spotify Brasil; tem 12 músicas no top 200 do Spotify Brasil, com “DtMF” em 3º lugar; “DtMF” se tornou a música em espanhol mais ouvida em um dia na história do Spotify global, com mais de 16 milhões de reproduções.

Bad Bunny se apresenta no Allianz Parque, em São Paulo, nos dias 20 e 21 de fevereiro, logo após o Carnaval. Ou seja, somente duas semanas após o sucesso estrondoso com o Super Bowl.

A reinvenção de LEOA

Entre Natal e São Paulo, tradição e experimentação, LEOA constrói uma trajetória marcada por afirmação identitária. Nome artístico de Luísa Nascim, a cantora potiguar soma quase dez anos de estrada, período em que ganhou projeção nacional à frente da banda Luísa e os Alquimistas, projeto que ajudou a reposicionar o pop nordestino ao misturar ritmos regionais com reggaeton, eletrônica e beats urbanos.

Foi com os Alquimistas que LEOA passou a circular por festivais, palcos e playlists pelo Brasil, criando faixas dançantes e politizadas, sempre atravessadas por referências do Nordeste. Ao longo desse percurso, consolidou uma assinatura própria: a fusão entre ancestralidade e contemporaneidade, entre o litoral potiguar e a pulsação das grandes cidades.



Bad Bunny se apresentou no Super Bowl no último dia 8

Por Nathallya Macedo

“Finalizamos a primeira etapa do Carnaval de Natal, que foi uma realidade sensacional”. A avaliação é da secretária municipal de Cultura, Iracy Azevedo, ao fazer um balanço da programação que mobilizou os foliões nos polos oficiais da capital potiguar. Segundo ela, “o Carnaval de Natal consolidou-se em 2026 com a presença de mais de um milhão de pessoas em seus polos”, com destaque para a Avenida da Alegria, o Polo Nélio Dias e o Polo Ponta Negra.

A secretária ressaltou que a festa também impactou o turismo e a economia local. “Obrigada ao turista que foi para a festa comemorar o trade, que teve uma ocupação superior a 80%. Natal está vivendo uma grande festa com a geração de ocupação e renda, com o serviço de entrega de segurança e proteção ao folião, de qualidade e de respeito a quem vem para a capital, e principalmente ao nosso residente que comprou a ideia, aceitou e aderiu à nossa festa. Obrigado, Natal”, agradeceu. E ressaltou: “Mas a festa ainda continua”.

A programação oficial nos polos foi encerrada, mas o calendário segue com os desfiles das escolas de samba. “A partir de sexta-feira 20, começaremos o desfile das escolas de samba, o Grupo B na sexta e o Grupo A no sábado 21. No domingo, dia 22, na rota da Avenida da Alegria, teremos os rituais indígenas em comemoração ao retorno da competição desta categoria no Carnaval de 2027”, informou Iracy.

Na Redinha, a Avenida da Alegria ultrapassou meio milhão de pessoas ao longo dos quatro dias oficiais, além da prévia carnavalesca. O último dia reuniu mais de 80 mil foliões ao som de Cavaleiros do Forró, Xandy Harmonia e Capilé. Moradores relataram organização e segurança.

“Foi muito bonito ver essas bandas passando aqui, vendo a animação do povo. Tudo muito organizado”, declarou João Francisco, morador da avenida há mais de 30 anos. A aposentada Sebastiana Matias afirmou: “Gostei muito. Me senti confortável e muito segura. Com certeza voltarei mais vezes com toda a minha família”.

A secretária municipal de Segurança Pública e Defesa Social, Samara Trigueiro, avaliou que não houve registros de ocorrências graves nos polos. “Na Avenida da Alegria e em nenhum dos outros polos tivemos registro de ocorrência grave, como roubo, tentativa de homicídio ou feminicídio. A gente considera, em razão da quantidade de público presente, um sucesso absoluto”, afirmou. A operação contou com Guarda Municipal, Polícia Militar, Polícia Civil e Corpo de Bombeiros, além de segurança privada.



SUCESSO DE PÚBLICO MARCA O CARNAVAL DE NATAL 2026

No Polo Ponta Negra, a programação começou na quinta 13 e seguiu por cinco dias consecutivos na orla. Cerca de 70 mil pessoas acompanharam a última noite, com shows de Sueldo Soares, Raça Negra, Carlinhos Brown e Mari Fernandez. “Tivemos uma ocupação muito expressiva da orla, com participação de moradores, turistas e artistas locais. A proposta foi garantir uma programação aberta, organizada e acessível, valorizando a cultura e permitindo que as pessoas vivenciassem o Carnaval em um espaço simbólico da cidade”, disse Iracy.

Já no Polo Nélio Dias, mais de 60 mil pessoas participaram do encerramento, que contou com apresentações de Aduilio Mendes, Mari Fernandez, Michele Andrade e JN Explode. Ao longo dos quatro dias, 16 bandas passaram pelo espaço. “Eu acho que o Carnaval de Natal está consolidado como um grande evento. O Polo Nélio Dias se consolidou, assim como o da Redinha e de Ponta Negra”, afirmou a secretária de Cultura.

A mobilidade foi reforçada com seis linhas especiais do Transporte Folião, totalizando 572 viagens e capacidade para transportar 5.500 passageiros. A novidade foi o

Expresso Nélio Dias, que conectou a Avenida da Alegria ao ginásio a cada 15 minutos e transportou 3.081 passageiros nos três primeiros dias.

Blocos da Redinha marcam Quarta-feira de Cinzas

A programação na Redinha foi encerrada simbolicamente nesta Quarta de Cinzas com os tradicionais Bloco dos Garis, que chegou à 21ª edição, e Baiacu na Vara, que homenageou o produtor cultural Cláudio Porpino com um boneco gigante. Os blocos se encontraram durante o percurso.

Também desfilou o bloco Os Cão na terça-feira, mantendo a tradição da lama do mangue. Fundado em 1964, o bloco Os Cão é reconhecido como patrimônio imaterial e cultural de Natal desde 2021. Centenas de foliões se reuniram no manguezal próximo à Ponte Newton Navarro, onde se lambuzaram de lama.

Destaque para as Kengas

O tradicional Bloco das Kengas voltou a ocupar o Centro Histórico de Natal no domingo 15, reafirmando sua presença

na programação carnavalesca após mais de quatro décadas de história. Criado em 1983, na Rua Felipe Camarão, o desfile teve concentração no Bardallos Comida & Arte, ao som da Orquestra do Papão, e seguiu até a Praça Sete de Setembro, em frente à Pinacoteca do Estado.

Com o tema em homenagem às Divas, a edição de 2026 também celebrou os 43 anos do Baile das Kengas, reunindo cerca de 5 mil pessoas. A programação contou com a participação do Rei Momo Ottis Ferreira e da Rainha do Carnaval, Lorena Bulhões, além do show da rapper Karol Conká, madrinha nacional da edição. Houve ainda o concurso que elegeu Ellen Kimberly, de Macaíba, como a Kenga 2026 da Grande Natal.

Paulinho projeta Natal entre os grandes carnavais do Brasil em até três anos

O prefeito de Natal, Paulinho Freire (União), avaliou de forma positiva o desempenho do Carnaval 2026 na capital potiguar e atribuiu o resultado ao planejamento estratégico da gestão municipal. Segundo ele, o evento já apresenta sinais de consolidação e deve projetar a cidade entre os principais destinos carnavalescos do País nos próximos anos.

De acordo com o prefeito, a estratégia segue a mesma lógica aplicada ao São João, que já apresentou crescimento nos últimos anos. Ele afirmou que a intenção é consolidar definitivamente o evento no calendário turístico nacional.

Paulinho projetou que o crescimento será gradual, mas consistente. “Daqui a dois, três anos, Natal será um dos grandes carnavais do Brasil. Nós estamos crescendo aos poucos”, afirmou.

Entre os indicadores apontados por ele, está a permanência dos moradores na cidade durante o período festivo. Segundo o prefeito, houve mudança no comportamento tradicional, quando parte da população costumava viajar para outros polos carnavalescos. “A população de Natal já ficou em Natal. Você nota isso no trânsito da nossa cidade, que antigamente parecia um cemitério, hoje não”, comentou.

“As pessoas estão ficando e o turismo está começando a vir. Isso é muito bom para a economia da cidade e para o turismo. Natal é uma cidade eminentemente turística. Então, é muito bom para a economia. Nós estamos no caminho certo”, avaliou.

O Carnaval de Natal 2026 teve patrocínio de Esportes da Sorte.



Bloco “Os Cão” tomou as ruas da Redinha, na ZN



Secretária de Cultura de Natal, Iracy Azevedo



Karol Conká foi a madrinha do Bloco das Kengas



Bloco das Kengas acontece todos os anos na Cidade Alta

RETIRO FORTALECE CRISTÃOS

Miqueias Abnadabe

Por Isabelly Noemi

Enquanto blocos, festas e viagens marcam o período de Carnaval em diversas cidades do País, inclusive na capital potiguar, uma parcela de cristãos evangélicos escolhe outro tipo de programação: o recolhimento espiritual. É nesse contexto que ocorreu o retiro Herdeiros da Cruz, em Macaíba, na Grande Natal, encontro voltado à oração, ensino bíblico e comunhão entre fiéis de diferentes igrejas.

O coordenador do evento, Miqueias Abnadabe, afirma que a iniciativa surgiu do desejo de promover um encontro voltado ao fortalecimento espiritual e à unidade entre cristãos. “O Herdeiros da Cruz nasceu do desejo sincero de reunir a Igreja de Cristo para algo mais profundo do que um encontro comum. Surgiu como um movimento de intercessão, fortalecimento espiritual e promoção da unidade do povo de Deus de maneira intencional e intensa”.

Segundo ele, o nome do retiro expressa a proposta central do encontro. “O nome ‘Herdeiros da Cruz’ carrega uma mensagem central: à sombra da cruz, somos iguais. Não há distinções, não há hierarquias espirituais, não há divisões. Somos um só povo, redimido pelo mesmo sangue, chamados a viver a mesma fé e a mesma esperança”.

Carnaval como período de encontro religioso

De acordo com Miqueias, a escolha do feriado de Carnaval tem relação com a disponibilidade do público e também com o simbolismo do período. “O Carnaval, no Brasil, é um dos maiores feriados do calendário. Naturalmente, é um período em que muitas pessoas estão disponíveis. Isso, por si só, já favorece a reunião de irmãos de diferentes cidades e igrejas”.

Ele afirma que o retiro propõe uma escolha diferente da celebração tradicional. “Enquanto culturalmente se celebra a ‘festa da carne’, o Herdeiros da Cruz propõe

um caminho diferente: fortalecer o espírito. Não se trata de oposição agressiva ao que acontece fora, mas de uma escolha consciente”.

O retiro foi criado em 2017 e já soma oito edições, com pausa entre 2021 e 2023 devido à pandemia. “Em 2024, retornamos com ainda mais consciência do nosso propósito. A cada edição, vemos crescimento não apenas numérico, mas espiritual. Vidas têm sido restauradas, chamados ministeriais despertados e laços entre igrejas fortalecidos”, disse.

Proposta e dinâmica do encontro

O coordenador explica que o evento é estruturado em torno de práticas religiosas. “Não há programações lúdicas, gincanas ou atividades recreativas como elemento central. Toda a estrutura do evento é construída em torno da Palavra, da oração, da adoração e da comunhão”.

Segundo ele, a proposta é criar um ambiente de aprofundamento da fé. “Não buscamos entretenimento religioso, mas transformação. O objetivo é criar um ambiente propício para que as pessoas se aproximem de Deus de forma sincera e profunda”.

A edição deste ano teve como tema “Irrepreensíveis”. Para Abnadabe, a mensagem central foi a relação entre fé e comportamento. “O principal resultado foi o entendimento de que a fé precisa produzir caráter. Não basta professar; é necessário viver de forma íntegra, correta e coerente com o evangelho”.

Ele afirma que o encontro buscou estimular reflexão e mudança de postura. “Percebemos uma geração sendo desafiada a confessar, corrigir e caminhar. A compreender que irrepreensibilidade não significa perfeição sem falhas, mas uma vida de arrependimento, responsabilidade e maturidade espiritual”.





Por Karen Sousa

51 anos são mais que suficientes para marcar a história da cultura natalense e a Discol é prova disso. Há mais de meio século, essa vitrine de discos no Centro Histórico de Natal segue atravessando gerações e acompanhando as transformações da música e da capital potiguar à sua maneira.

Aberta em 1975 como uma filial da sede em Campina Grande (PB), a Discol se instalou no bairro da Cidade Alta, em frente ao antigo Cinema Nordeste, que hoje já não existe mais. A loja deixou de ser apenas um comércio de novidades da música para virar parada obrigatória de quem frequentava o antigo cinema ou buscava conversar sobre artistas e tendências do mundo musical.

Ao longo dos anos, a Discol viveu diferentes fases com seus visitantes: eram estudantes que saíam das aulas para escutar música, grupos reunidos na calçada para assistir apresentações em DVD ou pessoas que aproveitavam encontros ao ar livre com discotecagens e atividades culturais.

Assim, a loja se consagrou como um ponto cultural

A história do espaço também se conecta com a de Luís Brás de Araújo, paraibano que veio para Natal junto com a Discol, quando era office boy. Ele começou como ajudante e acompanhou cada mudança no mercado musical, acumulando lembranças, experiências e repertório, fazendo com que ele se tornasse o gerente do lugar e, mais tarde, o proprietário.

“Eu peguei a gerência durante dezoito anos. Mantive a loja com uma indenização e com a ajuda de um irmão. A gente pegou dinheiro de onde podia para comprar o ponto”, relatou.

Apaixonado por música e trabalhando na área desde os 16 anos, Luís, que também é produtor, conta que segue acompanhando as tendências e está sempre preparado para se reno-

var. “50 anos no mesmo lugar, não é lá uma coisa muito fácil, não. A loja teve que se reinventar, porque houve mudanças de mídia, como saiu do vinil para o CD, do CD para o MP3”, explicou.

Ele conta que, depois do vinil, passou a vender camisetas que eram, em sua maioria, de bandas e artistas do rock, mas que não parou por aí. A Discol também passou a prestar serviço de digitalização de vinis, CDs e até fitas cassete, bem como fotos e DVDs.

Hoje, Luís divide a rotina com a esposa Simonete Almeida e a filha mais nova, Gabriela Almeida de Araújo, que cuidam da mais recente invenção da loja: o Lado B, café e brechó que funcionam ao lado da histórica Discol. Mas ele ressalta que, na loja, todos os seus filhos tiveram a oportunidade de trabalhar, transformando o espaço em uma espécie de tradição que existe até os dias de hoje.

Atualmente funcionando como ponto de encontro artístico, a Discol promove programações como o Sabadisco, festas abertas ao público, participações em feiras multiculturais e a Discola, que mantém a circulação de pessoas no lugar.



Ser cultura e resistência

Mesmo sendo um espaço histórico e memorável da Cidade Alta, manter-se firme no Centro Histórico de Natal não é fácil. Com o passar do tempo, a pauta mais discutida entre os comerciantes do bairro era o esquecimento do centro da capital potiguar e, para a Discol, não foi tão diferente: Simonete Almeida defende que a Cidade Alta precisa e tem potencial para um “despertar”.

“Quando a gente diz que o centro está sendo esquecido, é pelo poder público. Falta investimento. O centro comercial mais antigo de Natal, que é o centro da cidade, está abandonado nesse sentido. A própria população também precisa voltar a frequentar. Esses centros só vão crescer se a população usufruir”, frisou.

Gabriela Almeida de Araújo, que além de trabalhar no Lado B da Discol, também é arquiteta, conta que, historicamente, a tendência é que os centros das cidades passem por altos e baixos, mas que isso também depende do incentivo público. “O centro comercial originalmente era aqui e ele vai migrando, naturalmente, e ele vai se afastando do centro original. Mas se não tem uma ação do poder público quanto a isso, a tendência realmente é que ele caia numa lógica de abandono”, disse.

“Eu vejo nesses espaços, realmente, resistência. O centro hoje é feito das pessoas que estão trabalhando nele. Tem o Bardallos, que está sempre ali, o Bar do Pedrinho, que é mais antigo aqui, tem o espaço cultural Ruy Pereira também”, citou Gabriela.

Apesar do sentimento de esquecimento, ela diz que vem criando um olhar otimista sobre o centro, especialmente depois do crescimento das ações culturais promovidas pela Discol. “Pode ser também porque a gente vem melhorando, aí a gente vai tendo uma visão diferente, a gente vem movimentando [a cidade]”, contou.

De geração para geração

Luís Brás presenciou todas as transformações vivencia-



Luís Brás

Simonete Almeida

Gabriela Araújo

das pela Discol e relata que não é só o espaço físico da loja que passou entre gerações. Os clientes da loja também foram mudando, ou melhor, se renovando: antes, o local que recebia especialmente colecionadores ou amantes de discos antigos, começou a receber jovens apaixonados por cultura, música e antiguidades da arte.

“Cada geração foi mudando e a gente foi se adaptando. Hoje, o cliente mais antigo vem aqui, acha alguns discos para completar sua coleção; tem cliente que não gosta mais da mídia física e pede para fazer playlist de músicas; a geração atual tem frequentado a loja também, ou seja, a gente tem a frequência de gerações”, relatou.

Simonete também compartilha dessa visão e diz que o vinil voltou com força considerável, sobretudo com o impulso do lançamento de versões especiais em vinil por artistas da cultura pop e rock. “O vinil voltou para o mercado, deu uma alavancada de cinco anos para cá. As pessoas gostam do vinil original e alguns tem bastante valor, ele pode variar de R\$ 1 até R\$ 2.000. Os valores também são bem diferenciados”, disse.

O Lado B da Discol

É comum um disco ter um lado A e um lado B e com a Discol não seria diferente. O novo empreendimento, inaugurado em 2025, faz parte da renovação diária da histórica loja de vinis do centro da cidade e surgiu de uma vontade de anos atrás.

A ideia surgiu depois que Gabriela começou a trabalhar com os pais na Discol, há quase três anos, e buscou trazer uma nova clientela para a loja. A jovem, que também é apaixonada por música e arte, iniciou uma divulgação mais direcionada à quem utilizava redes sociais, juntamente com propostas de iniciativas de discotecagens e eventos que lotaram o espaço e fecharam a rua.

Quando o ponto comercial vizinho à loja ficou vago, em 2024, a família viu uma nova oportunidade de empreender e correu atrás de recursos e reformas para dar uma nova cara ao que antes estava fechado, inaugurando o novo espaço em 2025, no aniversário de 50 anos da loja. “Há muitos anos eu tinha vontade de pegar esse ponto e colocar uma loja de roupas, então resolvemos pegar. Gabi sugeriu um brechó – em todo centro tem um brechó – e aí veio a ideia do espaço café, brechó e arte”, disse Simonete.

Hoje, é Gabriela quem está à frente do Lado B junto com a mãe. Enquanto o funcionamento do café segue nas mãos da filha mais nova, a curadoria das peças de roupas, bolsas e calçados é toda feita por Simonete. “Eu percebo que a clientela do brechó são os mais jovens, e aí já se mostra uma visão de reúso. É importante que os jovens tenham essa percepção de que se vestir bem não é comprar numa loja cara. Chegam muitas roupas boas”, falou.

Com arte por todo lado, roupas nos cabides, opções doces e salgadas e um café moído na hora, a Lado B também realça as ações culturais do local. O espaço recebe, com frequência, rodas de conversa e reuniões culturais, bem como mostras e festas, que, por vezes, contam com a participação do irmão mais velho de Gabriela, que também atua no cenário musical e é DJ.

Cine-Cidade Discola

Um dos eventos mais novos realizados pela Discol foi o Cine-Cidade Discola, uma iniciativa que juntou cinema de rua gratuito, rodas de conversa, muita música e discotecagem. Em janeiro, ao longo de um dia inteiro, o Centro se tornou palco para exibição de filmes, troca de vivências e experiências, fomentando a cultura de forma gratuita e aberta para todos os públicos.

DADOS QUE ORIENTAM DECISÕES.

Pesquisa, estratégia e inteligência para entender cenários e antecipar resultados.

- ✓ Pesquisas Eleitorais
- ✓ Pesquisas de Mercado
- ✓ Opinião Pública
- ✓ Estudos Comportamentais

A Exatus Pesquisa e Consultoria é referência em pesquisas eleitorais, de mercado e opinião pública no Rio Grande do Norte.

Atuamos com rigor metodológico, credibilidade e análise estratégica para transformar dados em decisões seguras.

☎ 84 98186-3191

📷 @exatuspesquisa

🌐 exatuspesquisa.com.br

✉ exatuseconsultoria@gmail.com

📍 Av. Rodrigues Alves, 955 - Tirol
- Petrópolis, Natal - RN, 59020-200

exatus
CONSULTORIA & PESQUISA

